



Entrevista: Pedro Heitor Barros Geraldo, professor do Departamento de Segurança Pública da UFF, e primeiro coordenador do Curso de Tecnólogo em Segurança Pública e Social.

Campo Minado: Inicialmente, pedimos para que você narre a sua trajetória acadêmica até assumir a coordenação do Tecnólogo.

Eu agradeço a iniciativa de vocês. Acho importante guardar uma memória sobre o trabalho de gestão da Universidade e também valorizar essa construção institucional na qual estamos trabalhando há alguns anos. Eu sou formado em direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, formei em 2003 e iniciei o mestrado em Sociologia e Direito em 2004. Pude estudar na UFF nesse

período, tendo contato com o NUFEP¹, que inicialmente se deu pelo contato com uma disciplina do professor Roberto Kant de Lima. Também fiz parte do NUPIJ - Núcleo de Pesquisas em Prática Jurídica, que coordenado pelo professor Ronaldo Lobão na Faculdade de Direito da UFF. Estávamos no início ainda e o professor Roberto Fragale era coordenador do núcleo. Esse foi o primeiro núcleo de pesquisa da faculdade de Direito. Essa socialização com o PPGSD me permitiu aprender o Direito a partir de um outro ponto de vista. Eu não conhecia muito a sociologia, conhecia alguma coisa de política, mas sociologia e antropologia muito pouco e, graças a esse programa e a ideia de interdisciplinaridade, a coordenação do programa, inclusive, ficava no ICHF (Instituto de Ciências Humanas e Filosofia), pude passar a refletir o direito de outra maneira e passei a me interessar por outros temas. No NUPIJ, o Prof. Fragale era coordenador de um projeto Capes Cofecub e, o seu orientador em Montpellier, Michel Miaille, que foi professor e um dos fundadores do departamento de ciência política da faculdade de direito da Universidade de Montpellier. Ele trabalhou o Direito a partir de um ponto de vista crítico. Esse trabalho marcou um conjunto de pesquisadores aqui no Brasil. Graças ao CAPES-Cofecup, eu tive acesso a essa discussão sobre identidade e, pelo PPGSD, tive acesso a disciplinas externas, onde em uma estudei com o professor Kant na UFF e em outra com a professora Fátima Tavares na UFJF, chamada Epistemologia da Sociologia, em um programa de Ciência da Religião.

Uma das questões que Miaille trabalhou a vida inteira, foi sobre a laicidade, um problema ainda para os franceses. Aqui no Brasil parece algo evidente para os juristas, o que fez me interessar por essas questões. No mestrado tive acesso a esse conjunto de discussões e fiz minha dissertação em 2004 sobre as estratégias na campanha política para a prefeitura do Crivella, onde as identidades de senador e bispo se misturavam e se confundiam segundo uma estratégia. Isso me permitiu sair um pouco do campo do Direito e ter acesso a uma discussão voltada para a Sociologia Política. No mestrado foi uma socialização acadêmica muito intensa, foi quando aprendi a participar de um congresso e aprender como fazer isso. Na Faculdade de Direito da UFJF quando me

¹ Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa, fundado em 1994 pelo antropólogo Luís de Castro Faria. Posteriormente coordenado pelo professor Roberto Kant de Lima, o NUFEP foi a base da rede institucional e internacional de pesquisa que deu origem ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). Atualmente o NUFEP é coordenado pelo professor Fabio Reis Mota, do Departamento de Antropologia da UFF.

formei tinha apenas um professor doutor. Em 2003 consegui uma bolsa de um programa que financiava monografias, tinham 20 bolsas pra Universidade inteira e eu fui um dos bolsistas. Isso mostra que inicialmente esses espaços serviram de interseção para que eu pudesse deslumbrar outro tipo de olhar sobre o direito que não fosse exclusivamente o destino reservado a maior parte de meus colegas, que era ser operador do Direito. No mestrado, pois participei de um colóquio em Montpellier no quadro do CAPES COFEPUB, Eu ainda não sabia falar francês, inclusive até hoje não sei o que eu falei ou o que eles entenderam, mas isso me permitiu ter acesso ao grupo de pesquisa do professor Miaille que se tornou meu orientador depois. Também pude conhecer um amigo e colega de profissão, Fernando Fontainha, que hoje é diretor do IESP-UERJ. Nós temos uma formação em comum. Ele também se candidatou à bolsa de doutorado da CAPES, onde tinham quatro bolsas de ciência política e quatro para direito. Assim, fomos pra Montpellier onde ficamos um pouco mais de quatro anos.

Minha socialização na França foi muito intensa. O início foi um pouco difícil, pois uma das questões muito importante na chegada de um pesquisador estrangeiro é a socialização nos laboratórios de pesquisa, onde aprendemos como tudo funciona. Você não sabe nada, nem onde compra uma agulha, não sabe como se orientar na cidade, portanto o acolhimento é importante. Na França, tem muitos acolhimentos institucionais, onde tem orientação pra todos os procedimentos administrativos como o visto, inscrição na faculdade; e a CAPES é uma instituição muito zelosa com os bolsistas e foi bastante comigo. Uma excelente agência de financiamento, eu diria. Financiava as bolsas, a inscrição de matrícula na Universidade e um auxílio de saúde.

Eu estou contando isso tudo, pois isso que me despertou a sensibilidade sobre o que é a Universidade e o que são essas políticas, pois entendo que eu sou resultado dessas políticas educacionais durante todo meu tempo acadêmico. Eu fico pensando sobre o acesso a Universidade hoje, pois entrei na faculdade de direito em 1998 em uma faculdade particular em Juiz de Fora. E haviam duas faculdades de direito, a Federal e a particular, quem não passava na Federal, entrava na particular, que tinha a maior parte dos alunos de Direito da cidade. Só que a Faculdade Federal de Juiz de Fora só recebia 80 alunos por entrada. No

ano que fiz o vestibular, a reitora, que hoje é a deputada federal Margarida Salomão, teve uma discussão com a Faculdade de Direito e fez aumentar a entrada do vestibular, aumentando de 80 pra 100. Isso significa mais 10 carteiras na sala de aula. Essas políticas educacionais de ciência e tecnologia me atenderam durante toda minha formação.

Voltando pro doutorado, lembro que o primeiro ano foi muito difícil, foi um ano de socialização dentro do laboratório. Aprendemos dando cabeçada porque nossos colegas não se reuniam cotidianamente num lugar de trabalho. Aprendi muito nessa minha socialização com a pesquisa notando a importância de ter um lugar de trabalho, um espaço pra fazer as discussões coletivas.

Cheguei na França com o projeto de estudar laicidade, pois na época estava rolando a discussão sobre a lei sobre o véu na França, mas acabei mudando pois comecei a me perguntar se estava me afastando muito do direito e como poderia pensar sobre o direito aqui na França. O que estava em discussão era justiça de proximidade. Fui fazendo pesquisas e estudando ciência política francesa, a maneira como eles estudam políticas públicas era tudo muito quadrado, como dizem os franceses. Estava no departamento de ciência política e indo aos tribunais pra fazer entrevista e eu acabava assistindo as audiências. Assim, fui me dando conta que o ritual de audiência da justiça francesa não tinha nada a ver com a brasileira. E durante minha graduação em direito, trabalhei três anos na vara da infância e juventude em Juiz de Fora, no gabinete de uma juíza. E já tinha trabalhado numa secretaria, por isso, sabia como funcionava o fórum e as práticas jurídicas. O que acabou se tornando minha tese, descobrindo como era a justiça francesa, aprendendo como são os procedimentos, o que significa a lei pros franceses e defendi minha tese em 2011. Voltei pro Brasil neste ano e entrei em contato com o professor Ronaldo Lobão, por intermédio do professor Fragale.

Você defende a tese na França e tem um mês pra voltar e, quando você volta, seu diploma não vale nada. Não dá pra fazer concurso público. Você precisa pedir para um programa de pós-graduação na área reconhecê-lo. Aliás, o nome era “revalidação”. Daí, conheci o Lobão no NUPIJ e, numa segunda reunião, conheci Lenin Pires e Roberto Kant de Lima. Mas, essa reunião foi em um botequim da Rua Presidente Pedreira, conhecido na Faculdade de Direito. Eu fui contratado ali. Depois graças ao

Lobão e ao INCT, eu tive uma bolsa de pós-doutorado do CNPQ, logo depois a CAPES lançou um projeto do PNPd, que é o Programa Nacional de Pós-doutorado, e escrevi o projeto junto com o Prof. Fábio Reis Mota e outros professores. Ganhamos o projeto e acabamos beneficiando diversos bolsistas que hoje também se tornaram professores. Isso mostra a importância desse financiamento público para as carreiras dos pesquisadores. Então, eu cheguei na UFF em 2011, não mais como aluno.

Em 2012, eu entrei em outro processo que já estava em discussão na UFF, que era a criação do curso de bacharelado em Segurança Pública. Eu aprendi sobre essa discussão e aprendi como estava organizado o campo da segurança pública no Brasil, pois estes assuntos não eram comuns nas Faculdades de Direito. Na minha formação em direito, não tocavam nesse assunto para socializar os operadores do direito sobre essas questões. Essas discussões não tem um lugar pra existir dentro da Faculdade de Direito.

O tempo que fiquei fora foi muito importante aqui no Brasil. Às vezes comentam algo que ocorreu neste período e eu não consigo achar na minha memória quando isso aconteceu, então, quando isso acontece já sei que foi no período que estava na França. Eu não mantinha um contato frequente com colegas pesquisadores no Brasil. Depois de um tempo fora, você passa a viver e aprender as coisas daquele lugar e fica alheio ao resto.

Essa socialização acadêmica me permitiu rodar a Europa. Eles são muito autocentrados, mas eu consegui participar com financiamento do laboratório de pesquisa de alguns eventos na Europa. E com isso percebi que eram poucos doutorandos que faziam isso. O campo da ciência e da hierarquia são realmente uma outra constituição.

Voltando pro Brasil, em 2012, o Departamento de Segurança Pública foi criado e teve o primeiro concurso de seleção para vaga temporária. Passei no concurso e no departamento tínhamos o Kant, Lobão, Lenin e eu. Depois teve concurso para efetivo, onde entramos eu, professora Vivian Paes e o professor Vladimir Luz; depois vieram as seleções de substituto, que entraram os professores Marcos Veríssimo, Elizabete Albernaz, Paula Pimenta Veloso,

Flávia Medeiros, Izabel Nuñez. E essa foi a história de minha chegada no pós-doutorado do PPGA-INCT, com essa inovação administrativa.

Todas essas experiências foram me orientando a compreender o papel social da Universidade.

Sobre o pós-doutorado, ele me deu uma experiência sobre essa administração burocrática e política da Universidade. Isso foi o mais importante. Foi assim também que me envolvi com o Tecnólogo, pois quando me deram o resultado do concurso, o projeto do Tecnólogo já estava em marcha. Fui numa reunião no CEDERJ com o Kant e o Lenin, depois houve outras com a Mônica Garelli e, finalmente, a reunião que me avisaram que eu coordenaria o curso por ser o primeiro a tomar posse.

Nesse momento, me deram um monte de nomes de pessoas que eu não conhecia e, eu queria ficar na UFF, pois sempre vi com muito entusiasmo o INCT, principalmente o trabalho do NUFEP e do NEPEAC. Sou admirador desse trabalho de organização coletiva, que não depende só de uma pessoa. O professor Kant é o fiador e orientador de todas as questões, mas há uma organização coletiva que permite uma formação e organização de muitos conhecimentos, de diferentes temas e disciplinas, e aplicação de recursos e tecnologias humanas. Eu um sou produto dessa tecnologia.

A minha entrada no Tecnólogo me socializou com uma novidade para mim que era educação a distância, onde aprendi com as professoras Mônica, a Masako Masuda, a Regina Moreth e a Vânia Laneuville Teixeira; e os professores Carlinhos Bielschowsky e Celso Costa, o que foi um privilégio, pois são conhecedores da Universidade pública e têm experiência administrativa e principalmente, eles têm uma atenção muito especial com a educação a distância.

No início da coordenação do Tecnólogo, eu fui muito ao CEDERJ, porque eu ainda não sabia fazer nada e eu precisava fazer conhecer as pessoas e aprender o que eu precisava fazer. Sinto que essa experiência me abriu os olhos para esse tipo de expansão e de interiorização da Universidade pública está organizada de baixo pra cima. Você tem que começar formando as pessoas e no lugar onde elas estão, pra que as pessoas permaneçam nesses lugares e construam uma melhor condição de vida no lugar em que elas já vivem. A educação a distância que proporciona isso, você vê com essa coisa de

vários campi da UFF, que também são muito importantes, mas se formos comparar o número de pessoas que habilitamos profissionalmente com algum conhecimento, em volume de pessoas, ele é muito maior na EaD do que a educação presencial pode fazer. Muitos professores do interior trabalham com no vai e vem; trabalham lá, mas estão aqui. Isso não interioriza e acho que a educação a distância desempenha um outro papel.

O curso de Especialização em Políticas Públicas foi uma oportunidade que me apareceu. O ex-deputado federal Luiz Alfredo Salomão apresentou um projeto de curso financiado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, financiando esse curso pra oferecer para um número de pessoas, e, graças à Mônica Garelli, o curso saiu de uma maneira a contemplar os diferentes interesses. Ofertamos 200 vagas, mas formamos em torno de 90 alunos, um pouco acima da média de conclusão dos cursos à distância, que tem uma evasão muito alta. O curso me permitiu montar um material sobre políticas públicas com vários professores e pesquisadores da UFRJ, onde aprendi a gerir e administrar os problemas da gestão, que não são simples e nem poucos. Esse curso me ensinou a construir confiança na gestão. O tecnólogo também, ele só funciona se tiver confiança. Toda vez que você aumenta o controle, como está acontecendo, aumenta a desconfiança e isso não é bom pra ninguém. Os controles começam a produzir conflito onde não existia. Ou seja, desnecessariamente. Nosso escopo é formar os alunos. Temos que ter controle de qualidade, sim, mas não ficar produzindo relatório atrás de relatório que vai produzir um controle maior sobre a qualidade do curso, como tem acontecido.

Foi uma experiência de organização de como se monta e administra uma especialização. Aprendi os desafios da administração plural e democrática da Universidade. É plural, pois tem que lidar com um monte de gente diferente, de lugares e histórias diferentes e é democrática pois não dá pra você sair excluindo todo mundo de qualquer jeito, e preciso construir os argumentos pra produzir uma orientação inclusiva nas decisões.

Campo Minado: Pedimos também que você narre como foi o desafio de coordenar um curso de graduação à distância, da UFF, no sistema CEDERJ, cujos alunos eram policiais e outros agentes da segurança pública.

No curso de Tecnólogo o maior desafio foi ter sido um curso que começou muito grande, implementado de cara em sete polos. O desafio era como fazer a presença da Universidade em todos esses lugares. No início, minha orientação dependeu muito do Kant, do Lobão, da Monica e do Lenin. Aliás, foram eles que me ensinaram sobre administração burocrática e política da Universidade e que me ajudaram a pensar sobre como lidar com esses problemas, então eu não fiz nada sozinho. Algumas decisões eu tomei sozinho enquanto coordenador do curso. Algumas acertei, outras errei. Tenho uma clareza dessas decisões que eu tomei quando eu achava que já dominava o assunto. E todas elas apoiadas nesse conhecimento coletivo de gestão que a gente elaborou e construiu durante a implementação do curso.

Outro desafio foi a implementação de um curso que não existia. Aprender os dilemas e discussões do campo da segurança pública, que não são evidentes e nem são fáceis. Isso me demandou um trabalho muito grande. Eu me associei ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública, participei de algumas reuniões pra aprender o que estava acontecendo. Eu ia em todas as aulas inaugurais e visitas docentes, que são as atividades presenciais do curso. Nos dois finais de semana de evento, eu participava dos dois, pra poder circular entre os espaços. Acho que só não conheci três dos doze polos, por consequência de uma política de gestão: eu deixava todos escolherem primeiro e eu ia naqueles que sobravam. Então sempre ia aos lugares mais distantes.

O desafio foi o de aprender um projeto, mas também de apresentar esse projeto, pois eu tinha que falar de uma coisa que não existia antes e que as pessoas não acreditavam que pudesse existir. As pessoas não entendiam o que era o projeto. Eu sabia uma coisa, nessa administração eu poderia contar com certo conhecimento operativo do mundo do direito, dessa hierarquia na faculdade de direito a gente aprende como a

discussões. Então assim, ter que fazer esse trabalho me ensinou duas coisas: primeiro a montar esses argumentos, pois o público do curso vinha cheio de preconceito

com a Universidade. Montar esses argumentos pra poder discutir e montar alguns consensos foi uma coisa difícil.

Os alunos diziam que o curso a distância era para os praças e o curso presencial para os oficiais e, não era, tínhamos que explicar que o curso não era pra polícia, e o que é mais impressionante é que se deixasse fazer do jeito que os oficiais queriam, era assim mesmo. Teve uma reunião da UFF com a presença do comando da Polícia Militar, queriam fazer o Tecnólogo especificamente pros oficiais e explicamos que não poderíamos discriminar a entrada desta maneira. Um dos oficiais perguntou, então, o que eles, os policiais, ganhariam com isso. Kant respondeu que não sabia o que ganhariam, mas que a Universidade tinha o papel de disponibilizar esse conhecimento para sociedade. Se eles vão querer ou não, é decisão deles. Logo depois disso, o Tecnólogo foi o curso mais procurado do CEDERJ e, até criar o curso de Engenharia de Produção na UFF, o Tecnólogo foi a maior procura.

O curso me ensinou essa linguagem que precisa ser inventada pra falar desses assuntos. Eu já ouvi em congresso que aqui na UFF as pessoas são colaboracionistas, que a gente colabora com a polícia, como se fosse ilegítimo trabalhar junto a eles, o que não é verdade porque nosso projeto pedagógico do curso e do instituto são únicos no Brasil, não tem outro parecido com o nosso, pois procuram reproduzir e produzir um conhecimento junto com os profissionais da segurança pública.

O segundo desafio foi conhecer a realidade da graduação a distância no polo, uma coisa que eu já sabia graças a Mônica Garelli era que os tutores presenciais eram essenciais pra nossa forma de produção e reprodução do conhecimento. Sem eles, não ia rolar. Tínhamos que dar um jeito de ouvi-los, entender e conhecer toda essa organização muita complexa. Imagina, um polo que tem um governo local dentro de um município que se articula com uma instituição estadual, que financia essas atividades e uma instituição federal que coordena essas atividades no polo do município.

O que me chamou atenção foi o desafio de aprender como eu poderia, então, explicar as pessoas a ter uma atenção com esse curso. Eu sabia que não

podia fazer do jeito que já era feito, o curso era inovador. Isso ficou claro no seminário Segurança pública e universidade relativo ao projeto JCNE da Faperj um dos seminários que fizemos (<https://youtu.be/E8YIik2Wy-A>).

O que eu gostava bastante era o fórum de coordenadores. Foi a principal experiência interuniversitária. No CEDERJ, você tem contato com pessoas que vem de outras culturas administrativas de organização, o que é algo fabuloso. Você tem colegas de instituições públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Todos com suas histórias e conquistas locais. O presidente da fundação, que era o Carlos Bielshowsky, tinha um espírito de defesa do CEDERJ que é admirável. As pessoas criticavam muito o Carlinhos, certamente com suas razões, mas ele tinha um engajamento e dedicação à fundação que era algo fabuloso. Até o último minuto que ele esteve na presidência, eu o vi lutando por mais recursos. Até a última reunião que participei no fórum de coordenadores, ele estava, ia em todas, sempre fazia questão de falar e opinar.

Essa experiência de aprender outras culturas e tecnologias universitárias foi muito novo e não foi fácil de aprender e conhecer todas essas formas de organização. E também a valorizar esse trabalho de gestão. Nessa encrenca política que a gente vive, se temos que aprender alguma coisa, é a valorizar o trabalho de gestão. Porque quando ele é mal feito, como está sendo agora na administração federal com essa crise sanitária, o estrago e o prejuízo são incalculáveis. E nos instrumentos da educação, você ter pessoas que brigam pra angariar recursos, lutam pra mostrar o valor e o impacto da educação, essas pessoas precisam ter seu trabalho reconhecido, não com um tapinha nas costas, mas com a continuidade do trabalho, não é pra perder a memória do que foi construído e querer reinventar as coisas.

Esse trabalho junto ao CEDERJ me ensinou a importância da gestão acadêmica e uma coisa que aprendi muito é o valor da democracia na Universidade, como você inclui as pessoas nas decisões, como as decisões e os instrumentos acontecem. E eu me diverti muito fazendo, uma das coisas bacanas que fizemos foi inserir como tutores os alunos da graduação. Não foram muitos imediatamente, mas foi muito importante fazer isso porque ampliou o acesso a esse recurso, as pessoas se reconhecem e entendem que aquilo também é delas.

Ter a confiança e a desconfiança dos diretores. Eu tive os dois, o que me mostrou que temos que trabalhar pra produzir confiança nessas pessoas. Mesmo aquelas que desconfiaram, todas as vezes que precisaram da gente, tiveram nosso apoio. Mas felizmente, em São Gonçalo por exemplo, a Cleyde Mara ajudou muito a gente; a Rejane, em Petrópolis, Ana Ferraz, em Campo Grande; a Rita, em Itaperuna; em Resende, a Alice e a Tânia; o Charles, em Rio Bonito; a Deisieli, em Belfort Roxo; a Fátima, em Niterói; a Rosali, em Nova Friburgo; a Ana Paula, em Três Rios; a Eveliane, em Barra do Piraí; e a Marta, em Angra dos Reis, como todas as equipes de apoio nos polos. O fato de construirmos várias coisas novas foram desafios, mas foi graças a esse apoio institucional e a confiança das pessoas. Ganhar essa confiança difundindo o espírito do curso me pareceu muito legal nessa construção.

Outra atividade foi durante a crise financeira, onde os tutores tinham reivindicações sobre diversos assuntos e queriam uma discussão dentro do CEDERJ, pois havia dificuldade de aumentar o orçamento. Desde 2016 o orçamento da educação foi caindo, o do Rio foi caindo antes, inclusive. Então o CEDERJ foi perdendo recurso financeiro ao longo dos anos. Então, não dá pra falar em aumento de bolsa. Eu sempre falava com o Carlinhos que eles não queriam somente o aumento do valor de bolsa, mas também outras coisas como o contrato de bolsa virar contrato de trabalho, pra passar a prever licença para emergências médicas, por exemplo, dentre outros direitos; e houve uma discussão dentro do fórum de coordenadores onde me propus a fazer um grupo de trabalho pra fazer um seminário na UFF, onde eu, Dylla, Mônica e Cláudio junto a alguns alunos como a Nívea e a Nathaly, organizamos e trabalhamos nesse evento. Aconteceu em um sábado de manhã. Está gravado no Youtube (<https://youtu.be/5XKxxY0Vgsc>). Todos falavam sobre o CEDERJ colocando demandas de reconhecimento, principalmente. Então o fato de a gente ter tentando se aproximar dos tutores foi muito positivo, os presenciais principalmente. O trabalho de informação e aproximação dos tutores com as pós-graduações difundindo as seleções de mestrado, por exemplo. Teve muita coisa legal que a gente conseguiu construir ao longo desses anos e acho que esse espírito do curso se deve muito a esse trabalho, pois as pessoas acreditam muito

nele. Muitas pessoas me diziam isso. Como ele era algo muito importante, relevante e diferente. Sempre fundado nas experiências dessas pessoas envolvidas, permitindo reconhecer a importância do curso por todos que participavam dele, inclusive aprender a operacionalizar e a ensinar essa reflexividade, que acho que o que o curso constrói é isso, uma pedagogia da reflexividade.

A dissertação da Érika fala sobre isso. Ensinamos as pessoas a pensarem de outra maneira. Esse argumento foi construído em sala também. Imagine um auditório com mais de 100 alunos policiais, armados, sempre tem vários armados, perguntando sobre a Universidade e, eu sempre perguntava se eles queriam aprender uma coisa nova ou confirmar o pensamento prévio deles. Isso mostrava pra eles que estavam na Universidade pra aprender alguma coisa. E o pior que pode acontecer com o aluno é ele não conseguir terminar o curso e não ter o diploma, nada além disso. Ele nunca sofrerá nenhum tipo de sanção física, porque eles realmente acreditam que isso possa acontecer. Eles experimentam alguns fracassos no curso como se fosse algo pessoal contra eles. E isso foi uma coisa que tivemos que desconstruir identificando esses problemas, a como ensinar os alunos a não se apoiarem em opiniões pessoais para opor aos conteúdos das pesquisas sociais.

Também fizemos diversos seminários de tutores trabalhando nisso também, pra identificar os problemas a serem administrados. Foram muitos desafios que a gente encarou e permitiu construir, por exemplo, esse dispositivo das Atividades Complementares, com o grupo de pesquisa LABIAC que a Monica deu essa forma administrativa e perfeita, onde a gente agora tem uma disciplina com um grupo de pessoas dedicadas a discutir isso. É muito positivo. São grandes inovações.

Utilizamos instrumentos jurídicos disponíveis, utilizando a nossa capacidade de organizar e reunir recursos humanos competentes, que sabem o que estão fazendo. E tem outra coisa que não posso deixar de falar, uma coisa fabulosa construída é a secretaria do curso de Tecnólogo. Eu digo fabuloso porque temos pelo menos duas secretárias que são formadas no curso de bacharelado no curso de Segurança Pública e Social. São pessoas que não só aprenderam a ética desse trabalho e desse serviço público, essa responsabilidade pra organizar. A secretaria já chegou a administrar 5.000 alunos. Começamos só com o Cláudio, depois ficou só a Dylla, depois chegaram

Adriana e Nivea. Eu saí na época que Nivea chegou e, desde então, graças a orientação da Mônica, talhando essas atividades junto a Ludmila, Rolf e agora a Andréa. A secretaria do curso sabe o que o curso significou pra elas e sabem o que ele significa pros alunos. As duas escreveram suas monografias sobre o curso também.

Minha primeira bolsa de jovem cientista junto a FAPERJ foi para pesquisar sobre a administração de conflitos acontecidos no curso. E todos esses desafios que vieram juntos, alguns problemas burocráticos, as soluções e os conflitos que vieram surgindo. O primeiro conflito foi em Resende, logo na seleção dos tutores. Foi com a diretora de polo que queria chamar reforço policial pra prova do vestibular de policia. Deu tempo do Kant e da Mônica orientarem e dissuadir a ideia de chamar a polícia pra fiscalizar os policiais fazendo prova. O que certamente criaria muitos conflitos.

Houve outros conflitos como o de São Gonçalo com problemas de cola, por isso surgiu a necessidade da aula pública do Kant no YouTube (<https://youtu.be/5BCDCAg1U-M>). Em Campo Grande foi o maior e mais difícil de administrar.

Houve um outro grande problema em São Gonçalo dois meses antes de chegar a comissão de reconhecimento do curso do INEP, onde vieram as professoras Cláudia e Karen. Administrar esses conflitos não foi fácil. Discutíamos muito como fazer as coisas. Ir para o polo não era só ir para o polo, a gente sempre conversava antes como ia fazer e o que ia fazer, ainda mais quando tinha algum conflito específico pra administrar, aí que a conversa anterior era longa, pra gente saber abordar, porque é um público muito difícil. Os tutores, os mediadores e articuladores sabem bem disso. Até a mudança de categoria de tutor para mediador a gente viu mudar.

Enfim, a gente conversava muito sobre a forma de tratar os conflitos. Pra dar um exemplo, em Resende, houve uma reclamação do Ministério Público dizendo que a gente tinha excluído os militares da tutoria e vieram questionar o porquê. Por isso, tive que preparar um documento explicando o projeto pedagógico do curso. Explicando o que era a tutoria e ainda tendo que responder

o ministério público sobre isso. Nesse questionamento o ministério público havia pedido algumas informações pra gente e nós sabíamos que tinha uma reclamação, mas eles não mostram o processo pra gente, e a gente pode ver o processo, não tem problema nenhum. Eu fui ao CEDERJ e informaram que o processo estava com o procurador. Pedi ao procurador, ela estava com o processo na mão e não queria me mostrar. Eu falei pra ela que também era formado em direito, que também entendia o que constava no processo e que eu gostaria de apreciar os autos. Na hora ela me entregou o processo, que foi quando eu vi e entendi o que eles queriam, por isso, respondemos desta maneira. Explicamos o que estávamos fazendo, explicamos o projeto pedagógico e a proposta do curso.

Acho que nesse curso a gente pode inventar e construir muitas coisas, mas sempre orientados para o princípio de incluir. Uma outra inovação nossa foi de incluir os tutores coordenadores no colegiado do curso, uma coisa única. Incluir aquelas pessoas responsáveis pela supervisão da administração burocrática e pedagógica nos polos. E a aderência era grande, pessoal vinha de Itaperuna, Nova Friburgo, sempre participaram. As diretoras de polo também sempre eram convidadas e era recorrente a presença dos diretores nas reuniões de colegiado também. São muitas pessoas diferentes envolvidas no projeto, mas esse diálogo e confiança foi o que propiciou a execução do curso até hoje, tem uma confiança que foi possível construir, que foi o mais difícil de se elaborar.

Foram poucos recursos humanos, mas as pessoas que trabalhavam com a gente eram muito competentes, e isso ajuda. A capacidade de trabalho da Mônica, do Cláudio, da Dylla, da Nivea, da Adriana que seguraram a parte administrativa que é pesadíssima. Não é simples. Tem que fazer a revisão de todos os protocolos. Acompanhar e antecipar os problemas que a gente via.

O fato dos professores também terem que aprender sobre o ensino a distância não é simples e com poucos recursos humanos de fato, é muito difícil. Foi preciso muita força de vontade de construir. Sem isso, sem a vontade dessas pessoas e dessa crença nesse projeto coletivo, o curso não existiria. É muito difícil. Acho que hoje poderíamos ter mais tutores, ter mais professores, ter mais secretários no instituto.

Sobre o curso de especialização, sem a Regina Moreth a gente não teria realizado o curso. Ela foi fundamental pra isso.

Campo Minado: De que natureza foram os primeiros conflitos, e o que se pode aprender com os processos de administração dos mesmos, dos quais ele teve que participar?

Em Resende, tivemos uma aproximação dos militares, pois lá fica a AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras). Então eles sentiram que havia uma concorrência e houve uma tentativa de cooptação do curso que fracassou, pois nesse curso, como os conhecimentos são multidisciplinares, você precisa de recurso humano que detenha um conhecimento que não seja exclusivamente do direito ou do militarismo. Então não tem jeito. O projeto pedagógico é muito distinto. E uma coisa que é preciso levar em consideração é o seguinte, uma das coisas que aprendi com a minha tese é que os franceses quando acharam que a justiça era muito opaca e ininteligível, tiraram o juiz profissional e colocaram um juiz, vamos dizer assim, que falasse a língua dos cidadãos. A minha tese foi pra dizer que esses juízes, que falariam a língua dos cidadãos, fazem uma justiça mais complicada do que os próprios magistrados. Mas o que eu aprendi? Que se você quiser mudar a maneira de fazer, você tem que mudar quem é que faz. Foi assim que os franceses pensaram quando produziram isso. O que eles deixaram de considerar foram as habilidades cognitivas pra fazer o trabalho cotidiano. Esse treinamento que faltava pra esses juízes de proximidade que não dominavam esse conhecimento, e no nosso caso não dá pra botar um monte de policias e bacharéis em direito pra ensinar o conteúdo do curso, por que se não eles vão ensinar o ponto de vista do estado que eles aprenderam. Então nós precisamos inserir nessa discussão os cientistas sociais principalmente, que detêm esse conhecimento de como é que se organiza a sociedade para falar desses problemas de outro ponto de vista, isso que é mudar o ponto de vista. Isso não impede, por outro lado, que a gente socialize as pessoas com o resultado desse encontro. Por exemplo, a Perla. Ela é um bom exemplo disso, é o resultado desse encontro. Ela é uma policial militar e que tem as formações dos nossos cursos,

tanto da especialização quanto do tecnólogo, mestrado e agora está no doutorado. E ela produz uma linguagem a partir disso, uma linguagem que tem a ver com a segurança e o social, é o produto do nosso trabalho. Explicar essas coisas, enfrentar esses desafios, foi sempre um desafio de elaboração do que nós temos e do que nós queremos construir, de como vamos administrar esses problemas.

O conflito em Campo Grande, por exemplo, saiu uma matéria informando que teve um tiroteio no polo de Campo Grande, mas foi um tiro. Aquilo foi muito difícil de administrar. O problema ali não foi só o disparo. O problema foi terem tratado aquilo como algo natural. Isso que foi o problema. E olha que deu polícia, deu uma confusão danada. Eu não acompanhei o destino dos dois alunos. Mas o problema eram os próprios alunos, eram todos policiais. Como você fala para um policial que ele está produzindo insegurança? Porque ele está levando arma para um lugar onde juridicamente está proibido de entrar com uma arma. Então, temos que lidar. Houve uma reunião em Campo Grande com auditório lotado de alunos argumentando e falando sobre como eles justificam essas práticas. Essas reuniões, que foram combinadas, sabíamos sempre a ordem de como orientar a discussão e os limites. Eu sempre contei muito com a Mônica, com o Kant, Lenin, Lobão, Veríssimo. Sempre muito compreensivos comigo, que sempre me ajudaram muito, inclusive como coordenar essas discussões.

Uma das estratégias dos alunos é jogar uma tensão permanente. Eles jogam uma tensão permanente e vão te acompanhando pra ver até onde você chega com essa tensão. Eles ficam esperando o argumento de autoridade, e é exatamente o que não pode ser feito. A carteira não pode ser usada. São, eles que dominam as estratégias pra lidar com esse tipo de interação. Então, o controle da forma de organizar a administração desses conflitos era uma coisa importante. Todos os conflitos me ensinaram muito. Quando eu achei que já conhecia bastante do assunto, aparecia outra.

Uma tutora me mandou mensagem avisando que tinha sido assediada pela plataforma, dizendo estar indignada e fazendo uma reclamação formal. Lendo o e-mail do assédio, era assim “professora, desculpe perguntar, mas a senhora é casada?” Pensei em informar pra aluna o código de ética, mas vi uma oportunidade pra tratar do problema. Fiz um e-mail longo pra tutora pedindo pra ela me ajudar, questionando se

aquilo era um caso que merecia uma atenção institucional. Eu devolvi pra ela uma pergunta pedindo que descrevesse como ela se sentiu lendo a mensagem e o que aquilo significava pra ela, pra gente anonimizar o texto e tratar aquilo como uma prática a ser discutida. Lembro de discutir com os colegas e deles discordarem deste ser realmente um bom caso a se tratar, pois não havia realmente um problema do ponto de vista deles. Quando lembrei que não precisávamos deixar um problema acontecer para prevenir um conflito. É melhor a gente combinar antes como vamos tratar esses problemas. E ela não deu continuidade ao assunto, eu insisti, mas ela não me retornou. Eu queria fazer uma reunião de tutores só falando sobre isso, porque eu acho que esse caso é muito bom. Porque ele é muito bem sucedido. Pelo ponto de vista da administração, a gente aprende que tem um problema e a gente propõe uma saída engajando o envolvido na construção institucional da administração do conflito. O que eu precisava era de um ponto de vista sobre aquilo. Eu precisava da dimensão afetiva pra entender o que significa isso. Ao mesmo tempo, a gente mostrou pra eles que não vamos mandar os problemas embora. Vamos tratar, mas precisamos de apoio, porque se ela se engaja nessa atividade, aí é uma outra história, se ela está envolvida, é uma coisa que vai servir pra outras pessoas. Passamos a explicitar a regra coletivamente. Uma outra vantagem disso é que não precisa esperar dar nada errado pra tratar desses assuntos. Ela nunca mais me escreveu, pois me parece que ela teve tempo de refletir já que, se esse curso dependeu de alguém pra funcionar, certamente foi dos tutores a distância e presenciais. Sem essa estrutura dos tutores não é possível tocar o curso e eles tem que ter uma postura que é uma habilidade desenvolvida pra lidar com esse público que é muito duro. E os alunos sempre se justificam, que tem que falar alto, tem que se impor, eles têm teorias pra justificar como você performa esse poder. E os vários casos que tivemos no curso dessas violências contra os tutores, fez com que os tutores desenvolvessem uma competência profissional pra lidar com esses desafios, que me parece única. Não é que a gente seja tolerante com a violência, mas a gente tem muita tolerância com esse projeto pedagógico que a gente sabe que não é simples. É aí que reside toda a dificuldade. Mesmo que isso não esteja muito elaborado pros nossos tutores, eu

vejo neles uma competência profissional pra assumir esses valores do curso e pra assumir esse espírito. Eu experimentei isso várias vezes com os tutores. É uma coisa de talhar uma competência. É uma habilidade. É você elaborar um tipo de argumento que serve pra comunicar e produzir um consenso, um argumento que serve pra explicar que o curso é da UFF, da Universidade e não da polícia, então não está na hierarquia de comando militar. Esses modelos cognitivos que ajudam a orientar esse processo pedagógico. E essa habilidade profissional tem a ver com isso, de ter uma consciência disso. No começo os tutores também tinham preconceito, no início muita gente saiu por causa disso, mas os que permaneceram, que não são poucos, inclusive têm muitos doutores que se formaram nesse período, que desenvolveram uma habilidade de diálogo pra construir essas pontes cognitivas entre os obstáculos cognitivos e epistemológicos que os alunos encontram pra conhecer as ciências sociais e entender o que nós estamos falando e, me parece uma coisa única, eu não sei outro lugar que tenha desenvolvido isso de uma forma tão sistemática quanto nós desenvolvemos nesse curso. Tanto é que esse preconceito inicial ele se vira, os tutores coordenadores, por exemplo, passaram a ter uma solidariedade com os alunos, muitas vezes uma cumplicidade com os alunos em relação as dificuldades que eles enfrentam. Os nossos alunos entram no curso e a instituição deles não reconhece esse trabalho. Muitos deles não falam que estão no curso. Os alunos da PMERJ, principalmente, tiveram, durante um tempo, um apoio institucional, mas apesar do apoio existia uma resistência muito forte que esses alunos encontravam com esse curso. Eu recebia muitos e-mails dos alunos quando eu trabalhava na coordenação. O aluno explicava que era escalado no dia da prova do vestibular, pra boicotar o vestibular; outro que quando descobriram que ele foi aprovado no curso, mudaram ele de batalhão, pra desorganizar a vida do cara toda; as piadas em relação ao curso, sobre o curso não ser bem visto pela totalidade dos policiais, também é muito relatado. Muitos desses policiais são os primeiros de suas famílias a terem acesso ao diploma universitário. Não é fácil um curso de uma educação a distância, eles precisam ter muita disciplina e força de vontade pra poder chegar até o final. Nesse curso a distância eles leem mais que os alunos do presencial, porque obrigatoriamente a maior parte das interações são escritas e não orais.

Campo Minado: Bom, no próximo ponto gostaríamos de pedir para que você comentasse sobre o trabalho feito nos meses anteriores à primeira avaliação do curso na CAPES, o processo de avaliação, e o resultado, com a nota 4.

A avaliação do curso foi antecipada por um trabalho hercúleo da Mônica Garelli. Sem esse trabalho da Mônica, o curso não seria reconhecido. Foi um período particularmente difícil pra mim. Administrar esses conflitos todos tem um preço. Eu me afetei muito por essas experiências. Me afetaram de verdade. Naquele momento a imagem que eu tenho era de estar na pior forma possível. Eu estava muito desconcentrado, um pouco descrente inclusive, porque eram muitos conflitos e a escassez, a falta de recursos humanos pra te apoiar a fazer tudo, embora a gente contasse com Veríssimo, com a Mônica, não é fácil administrar isso tudo. Mas hoje eu vejo que isso fez parte do trabalho. Foi uma parte do trabalho que eu precisava aprender também. A véspera da avaliação foi um trabalho da Mônica. O meu trabalho no dia da avaliação, e eu conversei muito com a Mônica sobre isso, com o Veríssimo, com a Luciane Patrício que nos ajudou por pouco tempo, mas nos ajudou muito, logo depois ela foi pra AGIR. Aprendi um monte de coisas com ela. Ela vinha com tudo organizado que nem a Mônica. Mas as vésperas da avaliação estávamos cheias de conflitos, tinha conflito em Campo Grande, que precisou de uma administração de três meses porque eles escreveram uma carta que eu revisei pra eles linha por linha. Eu chegava na reunião em Campo Grande 16h e teve dia que ficamos até 22h. Teve um dia em meio a penúria financeira em que os próprios alunos faziam a segurança do polo lá em Campo Grande. Esse trabalho foi muito difícil. Eu acho que os alunos aprenderam alguma coisa. Na carta, eles fizeram uma crítica à mídia, parece que eles não olham para as suas próprias práticas. O tempo inteiro era conversar com eles e entender o que eles queriam demandar exatamente e, nesse período, houve uma passagem muito interessante, onde um aluno falou assim “mas olha só, o senhor tá falando que é pra falar mal da polícia”. Eu expliquei que não era pra falar mal da polícia, eles estavam dizendo no texto deles que o problema da insegurança é de toda a sociedade, mas não é a sociedade que põe o *chuchu* (a arma como os alunos dizem) na cintura dele. É a

polícia militar, é a instituição que te autoriza a sair armado, te dá a arma, te dá o colete. Ela que te orienta a fazer essas coisas. E o aluno continuou, “mas professor, se a gente falar mal da polícia, um cara lá de Pernambuco fez isso em um livro e foi expulso da corporação.” Um outro aluno vira e questiona “ô professor, e a nossa liberdade acadêmica?” Eu respondi “pois é, e a nossa liberdade acadêmica?” Eles aprenderem a pensar de uma outra forma. É muito difícil.

Vou contar outra história pra chamar atenção pra esse ponto. Eu orientei na especialização de justiça e segurança um aluno que era piloto de helicóptero da polícia. Ele me explicou que fazia a formação de piloto fora da polícia e a polícia posteriormente credencia a formação dele. Esse aluno contou que uma vez estava dentro do helicóptero e viu o superior dele fazendo alguns procedimentos incorretos, mas não falou nada porque o cara era superior hierárquico dele. Eu questionei se ele ia deixar o helicóptero cair por que não podia falar nada, ao menos ele respondeu que o helicóptero ainda estava no chão. A força da hierarquia é muito maior que o conhecimento necessário pra lidar com as coisas do mundo.

Esse período que antecedeu o reconhecimento do curso, porque rolou esse conflito em Campo Grande e logo depois o caso do tapa em São Gonçalo, que foi muito difícil também. Essa experiência me afetou de verdade. Foi um momento em que eu não sabia como reagir. Eu tive uma interação que foi muito violenta da parte do aluno e eu não sabia como fazer. Felizmente eu estava com o Kant nesse dia e ele quem segurou a peteca. Mas foi difícil digerir isso. Por isso eu não estava em forma na época da avaliação. É curioso porque tivemos duas avaliadoras da área de administração com carreiras inversas - a professora Karen Menger da Silva Guerreiro saiu do ensino público para o ensino particular e a professora Claudia Fonseca Rosés tinha feito o caminho inverso. Elas tinham uma experiência em avaliação de cursos que foi importante. Elas estavam atrás dos documentos, mas quando elas viram o que era o curso e a reuniões de acolhimento com os professores e a visita ao polo. Essas sacadas da Mônica e do Kant durante a avaliação foram importantíssimas. E elas falaram isso, que tínhamos um curso montado, mesmo que com escassez de recursos, que era visível. Naqueles dias de avaliação, eu tive que me superar e fazer a performance que o curso precisava enquanto coordenador, carregando uma responsabilidade importante, eu não podia vacilar. Mas como realmente o trabalho era coletivo e estavam todos lá. Na hora

ficou fácil e deu pra segurar a peteca. Os dias que antecederam foram realmente difíceis. Nós tínhamos que passar segurança pras avaliadoras do INEP que sabiam da nossa responsabilidade naquele momento.

Uma coisa que é evidente. O CEDERJ é uma inovação com os polos de educação a distância. Não é assim em todo lugar. Nos outros lugares, a experiência é da UAB (Universidade Aberta do Brasil), que não é como no CEDERJ. Então, quando a gente as levou ao polo resolvemos o problema, porque elas tinham dúvidas e não tinham entendido o modelo do curso semi-presencial. Como explica um curso semi-presencial sem salas na Universidade? Só no modelo do CEDERJ!

O nosso programa de tutoria deve ser o mais enxuto, eficiente e performante de todo o CEDERJ. Aposto que não tem nenhum parecido com o nosso. Tanto que toda vez que pedimos mais tutores, eles nos deram sabendo que a gente andava na linha e, claro graças à Mônica. Proteger esse programa de tutoria é uma coisa à parte na administração desse curso e que merece reconhecimento.

O que fazemos é organizar e reunir políticas pra administrar recursos humanos que burocraticamente são contratados através da fundação CECIERJ e da Universidade. Agora, como orientar o trabalho, é outra coisa e o trabalho da Mônica a frente disso é fundamental.

Campo Minado: Agora, gostaríamos que comentasse o prêmio recebido, de Inovação, na UFF.

O prêmio não fui eu quem ganhou. Nós ganhamos o prêmio. Foi no final de 2016. Foi uma premiação da Universidade Federal Fluminense organizada pela PROPPI e lembro que nos inscrevi na chamada e nós ficamos na frente de projetos de empreendimentos comerciais e coisas grandes. Ele veio em um momento muito importante porque em 2016, além do ano do golpe, foi o ano que a Faculdade de Direito resolveu nos excluir do seu projeto. A Universidade

acabou reconhecendo o valor dessas iniciativas todas e o prêmio saiu exatamente nesse momento. No início de 2017, na primeira reunião do ano do CUV foi criada a unidade de ensino InEAC na UFF, que acolheu o departamento de segurança pública e os outros cursos. O prêmio foi importante, pois foi avaliado por três consultores engenheiros que estavam no júri do prêmio e decidiram por isso. É o reconhecimento de um trabalho coletivo na área de formação de recursos humanos em Segurança Pública e Social. O social é, pra mim, o mais importante, inclusive a gente pensar essa falta de uma categoria melhor pra designar isso que estamos fazendo, inclusive a ausência dessa categoria fala sobre o tamanho do desafio que a gente tem. Tivemos que inventar algo que não existia, como que dá nome pra isso? E aí escolhemos o nome segurança pública e social. Falar dessa categoria é muito importante porque insere na discussão. É possível que daqui a alguns anos a gente encontre uma outra categoria, quando Segurança Pública for um problema de toda a sociedade, no sentido em que todos os seus pontos de vista forem integrados para produção de práticas de segurança menos violentas, mais justas, livres, solidárias e que a gente possa dialogar mais com esses direitos constitucionais. Quando essas práticas estiverem integradas é possível que a gente encontre um outro nome, mas até lá, foi o nome que encontramos pra falar de segurança pública do ponto de vista da sociedade. É isso que é a segurança pública e social, uma maneira de incluir os conhecimentos produzidos pela sociedade e não fundados apenas nos conhecimentos próprios das corporações das instituições jurídicas. O prêmio é um reconhecimento do tamanho desse desafio, mas também dessa execução bem sucedida. Desde que começou a rodar em 2012, não parou até hoje e não parou para nada, nem com crise financeira, nem com greve, nem com pandemia. Então é um curso resiliente como a sociedade brasileira.

Campo Minado: Fale sobre o campo social de atuação para o qual pensa que estão sendo formados os tecnólogos em segurança pública da UFF.

Hoje a gente consegue mostrar os impactos sociais desse curso através não só do número de alunos diplomados. A gente talvez seja o único caso dos cursos à distância no estado do Rio de Janeiro em que a evasão do curso presencial seja maior que a do

curso a distância. O Marcos Veríssimo² tem um trabalho sobre isso. O CEDERJ é um lugar de inclusão, mas os alunos do curso de tecnologia já são profissionais de segurança pública do estado, então eles já são incluídos. O desafio com eles é mesmo cognitivo, como que nós ensinamos esses alunos a pensar de um outro ponto de vista. Isso não significa que eles precisam abrir mão do ponto de vista deles. A demonstração disso foi aquele caso da formatura onde o aluno apareceu com a camiseta de campanha do presidente. Eles não abrem mão da maneira de pensar deles. O que particularmente eu acho que serve para mostrar que a gente não doutrina ninguém. Aquilo foi a demonstração empírica de que a gente não doutrina ninguém. Aliás, mais do que isso, o fato de os alunos terem reconhecido o papel daquele ritual, porque não teve reclamação de aluno na Universidade Federal Fluminense. Aliás, eu tive o apoio e a solidariedade de outros alunos. Os alunos entraram em contato comigo para apoiar a postura que eu tive. Uma coisa que a gente precisa se dar conta é que a existência desse curso permite isso. Não de um curso genérico de segurança pública, mas deste curso especificamente, e que a gente precisa levar em consideração: esses policiais tem um treinamento que é muito duro. Isso afeta o corpo deles. Faz parte desse treinamento nessas corporações o controle do corpo através do castigo. Eles relatam o problema com o castigo físico, o fato de ir preso. Então é difícil lidar com esse público e achar que não vão ter dificuldade. A gente foi identificando essas dificuldades ao longo do tempo e o produto principal é o diálogo. É a possibilidade do diálogo.

Os alunos veteranos hoje ajudam os mais novos. Socializam os mais novos. Eles se conhecem, criam redes, o curso mistura os agentes de segurança pública de todo estado. O cara que é bombeiro agora se relaciona na Universidade com o policial militar ou civil, com o guarda municipal, policial federal rodoviário. Na rua tem uma hierarquia e uma competição e no curso eles se tornam colegas. Eles passam a se conhecer e a compartilhar os problemas.

² VERÍSSIMO, M. Escola, quartel e faculdade: um relato etnográfico sobre a construção de novas tecnologias sociais a partir da constituição da carreira do Tecnólogo em Segurança Pública (UFF-CEDERJ). **Anais da 39ª Encontro Anual da ANPOCS**, 2015.

Esse efeito é fundamental. Se o curso de tecnólogo tem um problema, eu acho que é o único, um defeito de concepção, não é de execução, da gente conceber que os cursos de tecnologia têm que ser exclusivamente para profissionais das carreiras de segurança pública. Acho que esse curso também poderia servir para outros profissionais, inclusive para discussão sobre administração de conflitos, o problema da desigualdade de direitos, dessa concepção jurídica tradicional de desigualar o tratamento que a gente tem no Brasil. Isso seria útil pra muita gente. Então acho que o fato dele ser reservado pra profissionais de segurança pública é o único problema. Seria importante que a sociedade também pudesse ter contato com os profissionais, para que os profissionais entendessem esse ponto de vista da sociedade. Muitas vezes discutindo com os alunos, as concepções se confundem. Em uma discussão sobre uns policiais que estavam aparecendo mascarados, uma coisa que os nossos alunos argumentaram foi que “os bandidos poderiam andar mascarados e os policiais não. Então, se o policial se vestir que nem o bandido, a gente não vai saber quem é quem. Por isso tem uniforme, pra você se destacar e se distinguir e fazer diferente. Porque você não vai se distinguir só porque se veste diferente, mas vai se distinguir porque faz alguma coisa diferente. Esse diálogo explicita a teoria do poder da justiça e da segurança pública que admite que os agentes públicos podem descumprir a lei para fazer cumpri-la. A teoria do poder de direito deles é essa. Você pode ter práticas ilegais desde que atenda um fim juridicamente legal. Você pode torturar, porque se for pro cara confessar não tem problema algum. O juiz pode combinar a sentença com o promotor, porque se for pra condenar um cara que a gente acha que é culpado não tem problema nenhum. Então assim, isso se explicita na discussão porque os tutores ficam todos um pouco perdidos. Tem determinado momento que eles descobrem que isso está organizado de uma certa forma e começam a performar de uma maneira muito profissional. E é isso o que nós produzimos em relação a formação dos tutores.

Acho que nós precisamos nesse momento e é um momento em que as discussões sobre a segurança pública, pelo menos essa teoria do “*tiro porrada e bomba*”, se arrefeceram um pouco. A gente tem que aproveitar esse momento pra mostrar que nós não paramos de fazer o nosso trabalho. Sob todas as tempestades, sob todas as adversidades a gente continuou fazendo o trabalho no ensino a distância. A gente passou greves longas. Greves de professores, crise financeira e o curso de tecnólogo não parou.

Agora estamos passando por uma pandemia e o curso não parou. Então quer dizer, tem alguma coisa que ele está fazendo que é muito relevante e muito notável que a gente não pode deixar de reconhecer nesse momento e pensar nos potenciais dela. A gente tem que descobrir como nós falamos sobre o potencial desse curso, das coisas que já estamos fazendo nele. Contribuir pra essa discussão para ensinar os profissionais da segurança pública a ter um pensamento que incorpore a multidisciplinariedade, incorpore a reflexividade e o pensamento compreensivo porque o único recurso que eles têm definido é um recurso normativo abstrato e práticas profissionais muito violentas. Esse é o referencial deles. Eles se formam em meio a isso. Conhecimento jurídico abstrato, onde a rigor pode tudo, junto a práticas profissionais violentas. Eles não vão aprender a pensar de outra maneira e eles não vão aprender a pensar sobre o que estão fazendo. Vão achar que o tempo inteiro eles têm que fazer aquilo que já estão fazendo. Hora nenhuma vão parar pra pensar ou refletir sobre seus atos. Quantas vezes a gente já não viu justificada a tortura em várias questões? Quantas vezes tivemos que lidar com a questão dos assassinatos praticados por agentes públicos? E olha que eles nem falam de pena de morte, não tem nem esse constrangimento.

Eu lembro que quando eu estudava direito as pessoas falavam de pena de morte e a gente não consegue elaborar os problemas dessa maneira, mas também por causa dessas práticas. Essas práticas são muito violentas. A polícia mata demais. Essa polícia brasileira não tem limite. E a justiça brasileira trata esses homicídios como se fossem problemas quaisquer, como se não fosse nada relevante. Aliás, os homicídios quase não são julgados no Brasil.

Esse curso coloca pra gente muitos desafios profissionais e foi uma oportunidade de aprender tudo de uma vez só, a importância dessa gestão universitária e o cuidado com essa gestão; mas também a compreender que a Universidade é um espaço de acolhimento institucional da diferença da sociedade e uma parte importante de nosso trabalho é integrar essa diversidade por meio de regras, por meio de práticas que produzem confiança entre as pessoas. Eu fico muito feliz quando vejo nossos alunos do tecnólogo passando em mestrado, doutorado, quando um aluno vem me contar que passou no

mestrado. Eu fico super feliz. A quantidade de discussão sobre segurança pública que nós fomentamos em diferentes programas de pós-graduação é enorme. Esse instrumento que é a educação a distância e principalmente essa pedagogia da reflexividade que nós produzimos com o nosso trabalho tem um potencial enorme pra ser explorado na educação a distância. Temos instrumentos e tecnologia social, acho que conseguimos incorporar, influenciar e impactar a área de direito, quando muitos bacharéis em direito são mediadores do curso, alguns inclusive cursam o tecnólogo. Então o fato de a gente produzir a pedagogia da reflexividade e conseguir lidar com essa grande quantidade de alunos que formamos até hoje. Já temos em torno de 2046 alunos formados. Começamos a formar alunos em 2016.¹

Cmapo Minado: De que maneira ele pensa que a Universidade poderá contribuir para a produção de políticas públicas que rompam com a tradição de pensar a segurança pública do ponto de vista do Estado, em favor de pensa-la do ponto de vista das sociedades?

Se tem uma coisa que eu aprendi é o seguinte. Estamos em um campo de disputas e nós não estamos em um campo de disputa que é todo na segurança pública. A gente está no campo da Universidade e você mostrar a importância e o impacto daquilo que você faz pra sociedade é importantíssimo. Mas como você vai receber recurso se as pessoas não reconhecem aquilo que você fez?

A gente teve poucos recursos. O CEDERJ sofreu com poucos recursos financeiros enquanto a gente estava se instalando, também não vinha muito da Universidade. Quando o CEDERJ se estruturou bem, conseguimos um segundo contrato. São contratos de secretaria que são importantes. Acho que conseguimos mostrar pra fundação o nosso valor e sempre pudemos contar com o apoio da Masako e do Carlinhos. E a Universidade hoje precisa parar pra pensar um pouco sobre a educação a distância. O problema de ter poucos recursos é que na hora que você está trabalhando, é difícil, mas a gente entende. As pessoas não sabem o que é esse negócio de segurança pública e no que ia dar. Viam como um curso que só dava problema. As pessoas viviam com medo sem saber direito o que era e quando começamos a formar as

primeiras turmas houve até um manifesto da primeira turma para o governador indagando qual o projeto para o aproveitamento institucional destes esforços individuais. Essas formaturas sempre aconteciam em momentos difíceis. Sempre tinha um problema pra administrar no meio do caminho. E teve a formatura dos 500 formandos que foi a maior da UFF. Conseguir formar 500 alunos numa turma só é algo notável dentro da Universidade. Com poucos recursos humanos, em alguns momentos achei que o curso ia desmontar e não ia conseguir se recuperar, mas eu sabia que eu não podia desistir. Porque finalmente as coisas estavam acontecendo porque estávamos ali em cima cuidando. E ele está em pé até hoje por causa disso. Ninguém saiu de cima dele, porque continuam cuidando e olhando por ele preocupados e pensando nos desafios do curso. Percebendo o que isso implica e o que abre para gente como possibilidade atualmente. O fato de ter poucos recursos humanos foi um fato que a gente teve que superar. E a gente só superou graças a essa capacidade de formação de recurso humanos que é muito grande. Teve um momento que a gente dependeu da Mônica e da Dylla pra tocar o curso. Eu não estou me excluindo, porque eu também tinha o papel de administrar e estar nos lugares, mas essa organização das rotinas burocráticas, que são muito importantes. Sempre organizamos as nossas rotinas burocráticas tendo em vista aos nossos valores institucionais. Não é ao contrário, a gente não é refém das rotinas administrativas que as pessoas inventam e não sabem nem o fundamento jurídico ou acadêmico delas. Então, acho que a ausência de recursos decorre de uma falta de reconhecimento da educação a distância dentro da Universidade. É um desafio que talvez seja maior pra Universidade Pública do que para os profissionais de segurança pública que são alunos do curso.

Quando comecei a conversar mais com os alunos, uma das coisas que eles diziam é que eles já tinham esses cursos à distância comuns. Eles já sabiam o que era fazer um curso em EaD, porque a SENASP já faz isso há muito tempo. A diferença que eles diziam era o seguinte, nas provas da SENASP eles faziam junto com o gabarito e a nossa eles não podiam fazer com o gabarito, então eles deixavam de estudar pra fazer a prova. Isso que eles contavam. Os alunos já estavam familiarizados com o ensino a distância, não especificamente com a

tecnologia utilizada pelo CEDERJ porque é um dispositivo de educação único. Mas a educação a distância é vista com muito preconceito ainda dentro da Universidade. Só pra não deixar de falar disso, estamos vivendo um momento em que a EAD parece ser uma saída interessante para lidar com as políticas de distanciamento social e as pessoas confundem com o ensino remoto, com a possibilidade de fazer live em algumas redes sociais, utilizada como extensão. São interações sincrônicas por meio desses aplicativos modernos e a educação a distância não é só isso. Escassez de recurso humano tem muito mais da Universidade do que CEDERJ. No CEDERJ o apoio do Carlinhos, da Masako, da Vânia e hoje da Marílvia é fundamental pro desenvolvimento do curso.

O impacto do curso é reconhecido pela sociedade. Ganhamos projeto FAPERJ pra financiar atividades acadêmicas no curso. Conseguimos também apoio das pessoas pra participar das atividades, outros eventos foram fomentados em outras cidades, que não foram organizados por nós, mas foram fomentados pela existência do curso. Isso é importante. O que estamos fazendo é conversar com as pessoas sobre esse problema da segurança pública pra elas entenderem que existe um outro ponto de vista. Não existe só o ponto de vista do estado sobre os problemas, mas que a sociedade também está vendo o que está acontecendo. Aprender e executar um projeto de escala tão ampla, principalmente quando a gente conseguiu o apoio da polícia militar, que fez aumentar a oferta de 500 pra 950 alunos em 12 polos por semestre. Foi uma loucura. E a escassez de recurso não é só de contrato pra recurso humano como secretaria, tutores, bolsa pra professor, é também o financiamento dessas atividades. Todas as atividades em que eu estive não foram financiadas com bolsa ou diária do CEDERJ. Acho que eu nunca recebi uma diária do CEDERJ, mas as atividades precisavam ser feitas. É um engajamento profissional que nós temos no âmbito da Universidade, porque a Universidade precisa garantir esse curso, porque o curso não é do CEDERJ, é da Universidade Federal Fluminense. Nós somos responsáveis pelo curso. É importante que a Universidade hoje se dê conta dos instrumentos que ela tem na mão. O Ensino a distância é o principal instrumento para expansão do ensino superior no Brasil. Eu reconheço que tenha limites, tem algumas coisas que realmente não dá pra ensinar a distância, mas o que dá pra ensinar a distância, o que podemos fazer, até onde podemos levar o ensino às pessoas? A questão hoje não é dizer o quanto a educação a distância exclui, porque a educação presencial exclui muito mais. Na educação presencial aprova-

se em um curso presencial, em média, 120 alunos por ano. O resto todo está excluído, os demais que queriam entrar e não conseguiram estão excluídos. Então isso é um problema da Universidade Pública e a Universidade não trata a exclusão como um problema. O vestibular é um instrumento de exclusão, não é pra incluir. E olha que o Enem conseguiu fazer do vestibular uma limonada. Porque você passa a concorrer em mais de um curso, você pode aproveitar nota. A nota vira um patrimônio. Imagine o vestibular. Você faz uma prova e não passou, você tem que tentar outra vez ano que vem. Então isso é excludente. A Universidade nunca pensou em incluir mesmo. Se não, a gente não teria salas pra 60 alunos, mas sim pra 400, 500 alunos e dar aula em um anfiteatro para poder incluir.

A educação a distância me parece um bom dispositivo pra fazer isso sem precisar construir muito prédio, vamos dizer assim. E a gente tem que ver o quanto a gente pode avançar nessa discussão. Claro que precisamos tratar dessa questão como um problema, mas o que exclui não é só a falta de acesso à internet. O curso presencial exclui muito mais do que um curso a distância. E o que dá pra fazer com isso? A gente tem esse instrumento que é a EaD e a Universidade Federal Fluminense é pioneira nesse processo, temos muita sorte de termos professores como o Celso Costa, a Regina Moreth e o Marcelo Corrêa, por exemplo. A Matemática da UFF foi pioneira nesse processo e ajudou a implementar a educação a distância na Universidade.

Campo Minado: Há algo que não perguntamos, mas que você gostaria de falar agora, neste momento?

Esses projetos que estamos investidos são muito importantes. Temos que pensar em formas que mesmo que dentro da adversidade e, sempre contando com essas adversidades, encontrar novas formas de fazer as coisas. É claro que as dificuldades são muitas, mas não podem servir de justificativa para a gente não fazer nada. Esse curso é demonstração de que no momento oportuno nós conseguimos organizar isso tudo rapidamente. Aproveitamos uma oportunidade

e acho que estamos diante de novas oportunidades. Esse curso pode apresentar saídas que não está no leque dos gestores, em função dessa confusão do que é EaD e o que é ensino remoto e extensão.

Parabéns pelo trabalho de vocês por continuarem pensando sobre o que estamos fazendo e aprender com as diferentes dimensões que vamos tomando com esse trabalho, que não é só com os tutores, com os diretores, com os colegas da Fundação, de outras Universidades, os alunos, professores, é uma grande rede e um grande aprendizado com as muitas interações e oportunidades que esse curso propicia para as pessoas. Como conseguimos fazer isso incluindo o maior número de pessoas? Acho que o curso pode dar pistas pra gente. Espero que as pessoas se lembrem disso, dessa construção institucional valorizando esse trabalho de gestão porque é essa gestão que também guarda certo aprendizado do tempo. Esse apoio de todos me trouxe um acúmulo de conhecimento que me fez aprender e que me ajudou hoje a pensar a Universidade pública e os seus instrumentos. Esse curso é um resultado não apenas desses esforços, mas de pessoas que a gente nem conhece. Que a gente possa continuar pensando e valorizando esse trabalho. Vocês mediadores que administram as atividades complementares estão na ponta da inovação da educação a distância! Voilà!